



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

JOSÉ ORLANDO LIMA DE SOUZA

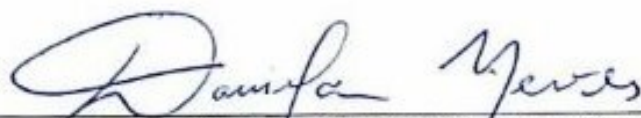
A “QUESTÃO SOCIAL” SEGUNDO PHILIPP MAINLANDER

NATAL
2017

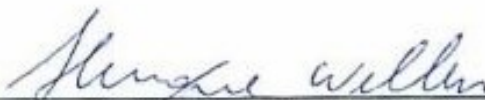
Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Serviço Social.

Aprovado em: 28 de JUNHO de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Daniela Neves de Sousa
Docente Departamento de Serviço Social da UFRN - Orientadora



Prof. Dr. Henrique Wellen
Docente Departamento de Serviço Social da UFRN – membro interno



Prof.^a Dr.^a Carla Montefusco
Docente Departamento de Serviço Social da UFRN – membro interno

JOSÉ ORLANDO LIMA DE SOUZA

A “QUESTÃO SOCIAL” SEGUNDO PHILIPP MAINLANDER

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Daniela Neves de Sousa.

Natal – RN

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Souza, José Orlando Lima de.

A “questão social” segundo Philipp Mainlander / José Orlando Lima de Souza. - Natal, RN, 2017.

44 f.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Neves de Souza.

Monografia (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Serviço Social.

1. Filosofia - Monografia. 2. Mainlander - Monografia. 3. Redenção - Monografia. 4. Pessimismo - Monografia. I. Souza, Daniela Neves de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 130.1

“[...] o abismo do nada, o fundo sombrio da carência de sentido da existência dá o tempero picante a este gozo da vida. [...]” (G. Luk

RESUMO

Intentando apresentar o conceito de questão social segundo o filósofo alemão Philipp Batz, conhecido pelo pseudônimo *Philipp Mainlander*, este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica exploratória, considerando as principais produções literárias voltadas ao estudo da chamada Escola de Schopenhauer, donde o referido pensador foi considerado o mais radical desta linha filosófica. A obra magna de Mainlander - a *Filosofia da Redenção*, além de apresentar as principais contribuições do autor no âmbito da Metafísica e da Teoria do Conhecimento, entre outros tópicos de sua investigação filosófica, oferece vasto e precioso material para compreensão da realidade social dos trabalhadores industriais alemães, possibilita o entendimento de conceitos e sentidos dados pelos pensadores de seu tempo quanto aos minuciosos processos de consolidação do então nascente sistema capitalista e a organização teórica e filosófica das estratégias para sua superação no campo da filosofia pessimista.

Palavras-chave: Mainlander. Filosofia. Redenção. Pessimismo.

SOMMARIO

Intentando introdurre il concetto di questione sociale secondo il filosofo tedesco Philipp Batz, conosciuto con lo pseudonimo Philipp Mainländer, questo lavoro è stato sviluppato da una ricerca bibliografica, considerando che le principali produzioni letterarie orientate allo studio della cosiddetta Scuola di Schopenhauer, dove detta pensatore era considerato il più radicale filosofia di questa linea. La grande opera di Mainländer - *Filosofia della Redenzione*, oltre a presentare i principali contributi dell'autore sotto la Metafisica e Teoria della Conoscenza, tra gli altri argomenti della sua ricerca filosofica, offre materiale vasto e prezioso per comprendere la realtà sociale dei lavoratori industriali tedeschi, esso consente la comprensione dei concetti e delle indicazioni fornite dai pensatori del suo tempo, come i processi dettagliati del consolidamento del sistema capitalista nascente e l'organizzazione teorica e filosofica di strategie per superarle nel campo della filosofia pessimista.

Parole chiave: Mainlander. Filosofia. Redenzione. Pessimismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 08
CAPÍTULO I - PHILIPP MAINLANDER: Traços peculiares à história do “<i>piccolo filosofo</i>”	
1.1 – <i>Dos principais biógrafos do autor da “Filosofia da Redenção”.</i>	p. 12
1.2 – <i>Aspectos biográficos do “Habitante de Meno”.</i>	p. 14
1.3 – <i>Philipp Mainlander: “o apóstolo de Schopenhauer”.</i>	p. 23
CAPÍTULO II - A QUESTÃO SOCIAL SEGUNDO PHILIPP MAINLANDER: “uma questão de educação”	
2.1 – <i>A obra de Mainlander: a Filosofia da Redenção.</i>	p. 29
2.2 – <i>O conceito de questão social segundo Philipp Mainlander.</i>	p. 34
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	p. 42
REFERÊNCIAS	p. 44

INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento científico, econômico, tecnológico e industrial era crescente na Europa ao longo do século XIX, a pobreza e a miséria assolavam centenas de famílias, segregando-as, a partir de suas posses, e sujeitando-as às mais desumanas condições de vida, saúde e trabalho. Submetidos ao pulso firme dos patrões, trabalhadores e famílias inteiras morriam sem nenhuma assistência, nem destes nem do Estado.

A *questão social*, que, de modo a defini-la aqui, pode ser entendida como o conjunto das expressões das desigualdades sociais produzidas no interior das sociedades capitalistas maduras (Iamamoto, 1999, p. 27), tem sua origem a partir do século XIX, na Europa Ocidental, diante do seguinte cenário: acelerado processo de industrialização das grandes cidades (ao mesmo tempo em que aumentava a pauperização e a miséria entre os trabalhadores das indústrias); aumento alarmante da mortalidade infanto-juvenil; crescente desemprego provocado pela exploração do trabalho; semiescavidão, fome e miséria, entre outras expressões, que serviram de base, à época, para o desenvolvimento e implementação das chamadas *políticas sociais*.

De acordo com Marilda Yamamoto, na raiz comum desse conjunto de expressões, que dá origem à questão social, está que “[...] a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade” (*idem.*). Ainda que a burguesia industrial fingisse não ver a miséria da população, os trabalhadores iniciaram intensos protestos reivindicando melhores condições de vida e trabalho. Os movimentos ganharam força e chamaram a atenção dos poderosos, que rapidamente resolveram tomar frente à questão.

De modo a reduzir a proliferação de doenças infecciosas entre a população, conter a violência nos centros urbanos, frear as manifestações dos operários nas fábricas e uma “revolução proletária”, o Estado e a burguesia industrial viram-se forçados a adotar medidas paliativas para redução dos conflitos entre trabalhadores e patrões,

desenvolvendo políticas sociais e ações patronais voltadas ao atendimento da população mais pobre, além de atenderem algumas reivindicações feitas pelos trabalhadores quanto à redução da jornada de trabalho, férias, salários, entre outros.

A compreensão da questão social ou como ela se apresenta na história e na atualidade pode divergir ou conciliar reflexões e conceitos diferentes em áreas do conhecimento também diferentes. Para que nossa abordagem tenha um rumo definido, tomaremos aqui, como base para nossa reflexão, a análise filosófica de *Philipp Batz*, também conhecido como *Philipp Mainlander*, considerando a importância de apresentar um “olhar diferente” sobre a questão social, bem como o enriquecimento teórico que sua contribuição poderá trazer para pesquisas posteriores sobre este tema.

Para estudantes das áreas das Ciências Sociais e, especificamente, de Serviço Social, ainda que tão somente para acúmulo de conhecimento e enriquecimento histórico, teórico e filosófico acerca da questão social, Mainlander pode oferecer, através de minuciosa investigação de sua obra, alguns apontamentos que ajudem a descrever mais detalhadamente a realidade social dos trabalhadores alemães no século XIX, além de alguns indicadores sociais sobre a população europeia, bem como a configuração familiar marcada pelo patriarcado e pela “cultura do estupro conjugal”, sendo essa realidade vivenciada na família do autor tedesco.

O interesse em abordar a reflexão do autor da *Filosofia da Redenção (Die Philosophie der Erlösung, 1876)* surgiu a partir de uma pesquisa na internet sobre o conceito de questão social, donde, entre os trabalhos disponíveis, foi sugerida a leitura de um artigo sobre “o pessimismo e a questão social em Philipp Mainlander”, publicada pelo filósofo brasileiro Flamarion Caldeira Ramos, da Universidade de São Paulo (USP), em 2007.

Não comum nas aulas de Filosofia ou mesmo nas disciplinas do curso de Serviço Social, a apresentação de uma visão pessimista da questão social pareceu, num primeiro momento, curioso e atrativo, digno de aprofundamento. Após as leituras iniciais dos comentadores da vida e obra de Mainlander, voltando-se ao trabalho de Ramos, uma

questão fundamental se apresentava, principalmente quando considerada a “teoria do auto-extermínio” proposto por Mainlander em sua obra principal: *qual o sentido direto da filosofia de Mainlander sobre o conceito de questão social? Quais os limites de seu pensamento, dado o suicídio como finalidade da existência?*

O contato com a filosofia pessimista e a leitura de textos referentes à obra de Mainlander começaram a provocar uma “vontade motivacional investigativa”: entender que sentido a obra de Mainlander teria no mundo de hoje e quais as aproximações teórico-práticas que sua filosofia poderia acrescentar aos estudos sobre a questão social. Para tanto, ficou a dúvida e ponto de partida para esta reflexão: qual o conceito de questão social segundo Philipp Mainlander?

Assim, objetivando compreender o conceito de questão social a partir das reflexões do desconhecido filósofo e tendo por referência basilar os comentadores de sua obra, interessa-nos contemplar uma “abordagem diferente” acerca do tema proposto, incentivando o aprofundamento de estudos voltados a esta temática, além de possibilitar o enriquecimento de pesquisas que tratem desta categoria específica ou que corroborem para o alargamento do conhecimento do conceito que este termo abarca.

Desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica exploratória, esta pesquisa intenta abordar o contexto individual, social e filosófico onde Mainlander viveu e desenvolveu seu pensamento, bem como os efeitos diretos e indiretos que a filosofia de Schopenhauer marcou seus passos na formulação de sua obra, identificando possíveis contribuições destas referências no encontro do que se busca.

No intuito de unir ou aproximar ainda mais as contribuições da filosofia pessimista de Mainlander e a abordagem à questão social estudada ao longo das leituras sobre este tema no curso de Serviço Social, outras pesquisas foram realizadas, chegando, assim, ao conhecimento de outros autores que apresentavam o pensamento mainlanderiano no mundo, sobretudo os trabalhos do filósofo italiano Fabio Ciraci, da Universidade de Salento (Itália), que teve significativa importância no contato com a história de Mainlander; do pesquisador e filósofo Marcelo Ronconi Lemes da Silva, que,

numa página na *web*, foi o primeiro contato direto com a história de Mainlander, através de uma postagem referente à sua vida e obra no *blogger* “O Suicidário”, no “Prólogo” do site; e, da estudiosa Sandra Baquedano Jer, entre outros, que nos permitiram desvendar alguns fragmentos da obra de Mainlander. Tais referências, entre outras aqui suprimidas, foram fundamentais neste contato e descobrimento da vida e pensamento de Philipp Mainlander.

Acerca da divisão deste intento, o mesmo foi desenvolvido em dois capítulos, onde, no primeiro capítulo, intitulado ***PHILIPP MAINLANDER: Traços peculiares à história do “piccolo filosofo”***, são abordados os aspectos gerais dos principais biógrafos do poeta e filósofo de *Main*, as contribuições destes no redescobrimento de sua obra, bem como a relação existente entre a curta vida do filósofo e a parca documentação de seus escritos. Ainda nesta primeira parte é feita a apresentação dos principais aspectos referentes à família, terra natal, formação escolar e individual do pensador alemão, considerando sua turbulenta relação com seus pais. Também neste capítulo são apresentados os principais e importantes fatores sociais e econômicos da cidade de origem de Mainlander, considerando, de acordo com seus comentadores, seu recatado e tristonho modo de vida. Além disso, apresentaremos de modo simplificado, as influências de autores clássicos da Filosofia na formação intelectual do pensamento mainlanderiano, bem como a relação que Mainlander desenvolveu com a filosofia pessimista de Schopenhauer, seu mestre.

No capítulo segundo, apresentamos o *escopo* deste trabalho: a compreensão de questão social em Philipp Mainlander, dividida em dois subitens, nos quais são tratados: no primeiro, o contexto geral do pensamento de Mainlander em sua “Filosofia da Redenção”; e, no segundo, *o conceito de questão social segundo Philipp Mainlander*.

Por fim, nas considerações conclusivas, apresentaremos uma análise geral do processo de produção deste trabalho, considerando os desafios, dificuldades e conquistas durante sua elaboração, bem como o que ficou entendido por questão social segundo Philipp Mainlander.

1. PHILIPP MAINLANDER: Traços peculiares à história do “*piccolo filosofo*”

1.1 – Dos principais biógrafos do autor da “*Filosofia da Redenção*”

As maiores informações sobre a vida de Philipp Batz, dito *Mainlander*, são transmitidas por sua irmã *Minna Batz* (1838-1891), a partir de uma *autobiografia* presente na segunda edição de sua obra principal “*A Filosofia da Redenção*” (*Die Philosophie der Erlösung*, de 1894)¹. Estudiosos do pensamento de Mainlander afirmam que a escassez de fontes sobre a vida do filósofo seria resultado de uma “baixa aceitação” de sua “filosofia do autoextermínio”, bem como pela morte prematura do autor, que impossibilitou o conhecimento mais ampliado de sua obra.

No entanto, outros relatos sobre a curta vida do filósofo são trazidos através dos artigos publicados por pesquisadores e publicitários de sua época, especialmente Otto Hörth, em um artigo de 1891, vindo também este a auxiliar Minna Batz na reedição e publicação da obra de seu irmão; bem como Walter Rauschenberger², que publicou, em 1911, um artigo dedicado ao filósofo; além de Fritz Sommerlad e Olga Plümacher³, sendo este último considerado o trabalho que mais tem favorecido no redescobrimento da obra e do pensamento de Mainlander, dadas as importantes e significativas informações trazidas pela autora, de acordo com os principais estudiosos da filosofia de Mainlander nos atuais artigos e principais eventos de debate da filosofia schopenhaueriana e mainlanderiana pelo mundo, como, por exemplo, os Colóquios, Encontros e Seminários Internacionais sobre a filosofia de Schopenhauer, realizados pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), ou ainda, os encontros realizados pela Sociedade Internacional Philipp Mainlander⁴.

¹ Primeira edição: 1876. 2ª edição: 1894.

² W. Rauschenberger, *Aus der letzten Lebenszeit Philipp Mainländers*. cit. Dello stesso, *la breve biografia, Mainländer, Philipp. Philosoph, 1841-1876*”, in “*Hessische Biographien*”, Bd. 1, Darmstadt, 1918, S. 361-365.

³ Olga Plümacher, *Zwei Individualisten der Schopenhauer’schen Schule*, L. Rosner, Wien 1881, S. 33 ff. Ristampato in: Winfried H. Müller-Seyfarth (Hg.), *Die modernen Pessimisten als décadents - Von Nietzsche zu Horstmann. Texte zur Rezeptionsgeschichte von Philipp Mainländers Philosophie der Erlösung*, Königshausen & Neumann, Würzburg, 1993, S. 31 ff.

⁴ A **Sociedade Internacional Philipp Mainländer** (*Internationale Philipp Mainländer Gesellschaft*), fundada

Ainda que os autores citados tenham sido os primeiros que se dedicaram a investigar e comentar a biografia e obra de Mainlander, tomaremos aqui, como referencial basilar para compreensão de sua vida e filosofia, as considerações do filósofo Fabio Ciraci, da Universidade de Salento (Itália), através de seu trabalho *Verso l'assoluto nulla: La Filosofia della redenzione di Philipp Mainländer*, de 2006; bem como as contribuições de outro importante comentarista da obra mainlanderiana, o filósofo brasileiro Flamarion Caldeira Ramos, que deu origem à indagação do conceito de *questão social* em Mainlander, objeto deste trabalho, a partir de um artigo intitulado “*O pessimismo e a questão social em Philipp Mainländer*”, publicado em 2007.

Há de se considerar, ainda, de forma complementar, os principais trabalhos e autores que fazem referência à vida de Mainlander, quais sejam: *Il socialismo utopico regressivo di Philipp Mainländer* (2008); *Philipp Mainländer e la finne della storia* (2009); *O ateísmo de Philipp Mainländer: efeitos colaterais do conceito de deus* (2015), de Ciraci; bem como o artigo de Sandra Baquedano (2007): “*¿Voluntad de vivir o voluntad de morir? El suicidio em Schopenhauer y Mainländer*”; e a versão em espanhol da *Filosofia de La Redención*, a partir da tradução de Manuel Pérez Cornejo, lançada em 2014⁵. Há, também, textos e documentos oficiais voltados ao estudo da obra de Mainlander, que podem ser extraídos gratuitamente da internet, como, por exemplo, a página oficial da *Sociedade Internacional Philipp Mainländer* (Internationalen Philipp Mainländer-Gesellschaft E.V.)⁶ e da Sociedade de Estudos em Espanhol sobre Schopenhauer (*Sociedad de Estudios en Español sobre Schopenhauer*)⁷, principais divulgadoras das obras e eventos envolvendo a filosofia schopenhaueriana e

em Novembro de 2005, é dedicada ao estudo e difusão da obra filosófico-literária do filósofo, poeta e dramaturgo alemão **Philipp Mainländer**. Através de publicações, encontros e eventos, a seção espanhola da associação internacional visa apresentar o pensamento e obra de Mainlander no mundo, considerando a filosofia pessimista do autor.

⁵ Doutor em Filosofia (*Arte y Estética en Nicolai Hartmann*, 1993); Licenciado em História da Arte pela *Universidad Complutense de Madrid* e Presidente da Seção Espanhola da Sociedade Internacional Philipp Mainländer (Internationalen Philipp Mainländer-Gesellschaft IPMG E.V.).

⁶ Site oficial da *Internationalen Philipp Mainländer-Gesellschaft e.V.*: <http://mainlaender.de/>. Acesso em: 25/03/2017.

⁷ Site oficial da *Sociedad de Estudios en Español sobre Schopenhauer* (SEES): <https://sociedadsschopenhauer.com/>. Acesso em: 26/03/2017.

mainlanderiana no mundo. Sobre estes eventos, é válido lembrar os encontros, seminários, simpósios e colóquios sobre a filosofia de Schopenhauer e Mainlander, realizados pela Sociedade Internacional Schopenhauer e Sociedade Internacional Philipp Mainlander, respectivamente, em universidades e centros de estudos de Filosofia⁸.

Neste sentido, buscando situar o leitor no tempo histórico e nos dados extraídos dessas fontes, através da identificação de possíveis situações que possam ter influenciado a vida, o pensamento e a obra de nosso personagem central e a temática aqui tratada, abordaremos, a seguir, ainda que de forma simplificada, os aspectos relevantes à família e à terra natal de Mainlander, considerando aqueles voltados à sua formação e ao desenvolvimento de sua “Filosofia da Redenção”, apresentados em Ciraci e Ramos, especificamente, entre outros comentadores de sua obra, quando necessário.

1.2 – Aspectos biográficos do “*Habitante de Meno*”

De modo a situar o período histórico no qual viveu Mainlander, vale ressaltar os processos econômicos, políticos e sociais que alicerçaram o “mundo europeu” ao longo do século XIX, sobretudo pelos feitos de Napoleão Bonaparte, imperador da França, que representaram o fortalecimento da classe burguesa francesa e iniciou um novo período conhecido por expansionismo. Ainda que desde o século XVIII o reino inglês tenha sido o principal conquistador de mercado e colônias em territórios europeus, a França sempre possuiu notória relação diplomática na Europa e não aprovou a supremacia inglesa reagindo com a política expansionista de Napoleão.

Desses eventos históricos, o imperialismo é o tom marcante da Europa no início do século XIX, necessitando serem analisadas as ações particulares que cada país

⁸ Sobre os eventos envolvendo a filosofia de Schopenhauer e Mainlander, nota-se: o Congresso internacional em Offenbach am Main, realizados entre os dias 7 e 9 de outubro de 2016, celebrando o 175º aniversário de nascimento de Mainlander. Em 2018, será realizado o Congresso Internacional sobre Schopenhauer, no Japão, provavelmente entre os meses de setembro e outubro. Maiores informações sobre estes encontros podem ser extraídas na página oficial da Associação Internacional Schopenhauer no Facebook ou no site: < <https://sociedadeschopenhauer.com/sobre-la-sees/>>. Outros eventos internacionais são realizados pela Sociedade Internacional Philipp Mainlander, em parceria com outras associações vinculadas ao estudo das obras de Schopenhauer, como por exemplo, a Sociedade Internacional Schopenhauer.

desenvolveu nesse período. A “era dos Impérios” ou imperialismo, como ficou conhecido esse fenômeno, baseava-se, sobretudo, na elaboração de políticas de expansão dos mercados consumidores dos países europeus.

O movimento expansionista na Europa foi iniciado logo após as chamadas revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, sobretudo pelos processos de industrialização e modernização de países como a Alemanha, Itália e França, que disputavam a hegemonia comercial com países da Ásia e África, e o domínio do mercado europeu. Várias guerras foram travadas. Dos conflitos ocorridos nessa época, vale salientar:

- a *Questão de Suez* (1875/1898), em que França e Inglaterra disputavam ações no Canal de Suez, principal canal que liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho (ligando ocidente e oriente), no Egito. Nessa disputa, a Inglaterra sobrepôs-se à França e firmou seus interesses no nordeste africano;

- a *Guerra dos Bôeres* (1889-1902), que caracterizou a disputa entre a Inglaterra e a Holanda nas áreas onde havia sido descoberta a existência de ouro e diamantes. Mesmo com a ajuda de franceses e alemães para conter o avanço britânico sobre a região, os bôeres (colonos holandeses) saíram derrotados;

- a *Guerra do Ópio* (1840/1842): conflito entre a Inglaterra e a China, que garantiu à Inglaterra não só a abertura dos mercados para essa droga em seus territórios indianos, como adquiriu o porto de Hong Kong (devolvido à China em 1997), através do Tratado de Nanquim;

- e, a chamada *Rebelião dos Cipayos* (1857/1885): os *cipayos* eram grupos militares formados por hindus, que pretendiam combater a expansão dos ingleses em seu território. Apesar do “treinamento militar ocidentalizado”, os cipayos foram esmagados pelos ingleses.

De modo a definir os principais eventos dessa época, alguns aspectos são destacados pelos principais historiadores e estudiosos, quais sejam: o nacionalismo, o

neocolonialismo e a junção entre o capitalismo financeiro e o capitalismo industrial. Tais aspectos resumem o panorama político, econômico e cultural de um período que vai desde a década de 1870 até o ano de 1914, ano em que teve início a Primeira Guerra Mundial. Somente no início do século XX que o imperialismo entra em saturação, quando as tensões nacionalistas se tornaram mais fortes e o mundo enfrentava novas configurações de ordem científica, econômica, política e social.

Considerando as transformações que este período histórico iniciou, retomaremos, a seguir, os principais episódios da vida de Philipp Mainlander e a influência da filosofia de Schopenhauer sobre sua obra e pensamento.

Nascido no dia 5 de outubro de 1841, em *Offenbach am Main*, um subúrbio industrial ao sul de Frankfurt, no estado de *Hessen* (Alemanha), Philipp Batz, conhecido como *Philipp Mainlander*, foi o quinto e último filho de *Chatarina Luise Seib* (1811-1865) e *Georg Batz* (1808-1884).

Georg Batz era filho de *Chatarina Maria Briel* (1775-1837), uma jovem simples e natural de Marburgo (um pequeno município do estado de Hesse, localizado na região administrativa de Gießen), e *Johann Wilhelm Batz*, um próspero comerciante, dono de uma fábrica de couro e presidente do Conselho Eclesiástico Evangélico Luterano. O pai de Mainlander era proveniente de uma família rica e muito estimada em Offenbach.

A mãe de Mainlander, *Luise Seib*, era filha de *Marie Henriette Heim* (1782-1819) e *Philipp Seib* (1777-1829), vereador e conselheiro na comuna de Offenbach. Era uma mulher simples, que, segundo o próprio Mainlander, “[...] quando era uma menina, era a mais bela de Offenbach. Era uma mulher brilhante. [...]” (2006, p. 20)⁹.

De acordo com Fabio Ciraci, Mainlander “[...] descreverá seu avô paterno como um homem violento e irritado. [...]” (*idem.*). Sobre seu avô materno, “*Mainlander recorda que [...] era um homem ‘velho de cabelos grisalhos e grandes olhos azuis, [...]*

⁹ “[...] quando era una ragazza, era la più bella di Offenbach. Era una donna geniale [...]”. (tradução livre)

simples, indulgente, agradável, cortês, terno e de bom coração' [...]"¹⁰. Mesmo com todas essas características, a avó materna de Mainlander era apaixonada por um oficial do exército francês, mas que foi forçada a casar-se com Johann Batz, vivendo uma vida de recolhimento, a "*soffrire in silenzio*". A mãe de Mainlander, assim como sua avó materna, também era contrária à ideia de casar-se, ainda que tenha sido obrigada a fazê-lo.

Compreender as relações familiares de Mainlander e a influência que tais relações tiveram sobre sua personalidade e sobre o desenvolvimento de sua filosofia podem contribuir ricamente para conhecermos melhor sua ideia de mundo e da vida individual e social do autor, além de nos permitir uma maior aproximação de seus conceitos. As características individuais de seus parentes e da convivência com estes terão forte impacto na formação humana de Mainlander, principalmente no que diz respeito aos laços afetivos entre este e sua mãe, bem como pelas consequências dessas relações na formação moral e intelectual do filósofo. Neste sentido, nos afirma Ciraci: "*O ambiente familiar do qual provém Mainlander é de relevante importância para compreender em qual contexto se desenvolveu sua personalidade e o quanto isso influi sobre a sua reflexão.*" (*idem.*).

Antes mesmo de seu nascimento, Mainlander quase foi abortado, não fosse a firme decisão de manter a gravidez por parte de sua mãe *Luise Batz*. Sobre isso, nos afirma Ciraci, "*O médico da família recomendou ao casal que evitasse uma nova gravidez, a fim de evitar o perigo de uma forte depressão como havia acontecido com a mãe de Luise. Apesar disso novamente ela ficou à espera de outro filho: o nosso filósofo. [...]*" (p. 21)¹¹. A orientação repassada pelo médico da família Batz fazia alusão às gestações anteriores, onde Luise havia dado à luz aos quatro irmãos de Mainlander, um após o outro: duas meninas e dois meninos, e, por último, seu "*piccolo filosofo*". Apesar da possibilidade apontada pelo médico não ter se concretizado, a mãe de Mainlander

¹⁰ "[...] Mainländer racconta che (...) era un uomo 'vecchio dai capelli argentati con due grossi occhi blu, [...] mite, indulgente, piacevole, cortese, tenero e sensibile, buono di cuore' [...]" (*idem.*).

¹¹ "Il dottore di famiglia raccomandò ai due coniugi di evitare un'altra gravidanza, per scongiurare il pericolo di una forte depressione come era già accaduto alla madre di Luise. Nonostante ciò ella fu di nuovo in attesa di un altro bambino: il nostro filosofo. [...]"

enfrentou graves problemas emocionais durante sua gestação.

Mesmo com todo o amor e devoção que nutria por sua mãe, inclusive fazendo-lhes promessas sobre seu túmulo, Mainlander sempre se mostrará afligido pela ideia de que ele e seus irmãos eram frutos de um “casamento de interesses”. Um dos grandes pesquisadores sobre a vida e obra do filósofo, Walter Rauschenberger, nos traz esta confirmação, a partir do seguinte trecho extraído de “Verso L’Assoluto Nulla: *La Filosofia della redenzione di Philipp Mainländer*” (*id.*, p. 23):

Com comoção lemos que tanto sua mãe quanto sua avó (*materna*) casaram-se contra sua vontade e que por toda a vida persistiu no seu íntimo a recusa ao matrimônio em si. “Nós não somos filhos do amor, mas filhos de uma violência carnal conjugal”, disse Mainlander de si mesmo e de seus irmãos. (*acrécimo nostro*)¹²

Mainlander tinha quatro irmãos, eram eles: Wilhelm, Daniel, Justine e Minna Batz. Citando Rauschenberger, ao descrever as características pessoais de Mainlander, Ciraci nos informa que “[...] *Do lado paterno havia herdado um bom coração, do materno, um estado de humor melancólico transmitindo sua tendência à especulação filosófica com que ambos concordavam.*” (*id.*, p. 23).

Ainda que Lúcia Franz, uma das fontes biográficas de Mainlander citada por Ciraci, apresente a família Batz em aparente felicidade material, desde cedo, os filhos de *Georg Batz* foram orientados a definir os caminhos profissionais que seguiriam na vida, sendo esta uma das primeiras angústias de Mainlander. O “pequeno filósofo”, cultivava, desde cedo, a paixão pela poesia e pelos contos de guerra, o que mais tarde seria expresso pelo seu desejo de ter seguido a carreira no exército, quando de seu próprio relato, transcrito por Ciraci (2006, p. 24):

Quando tinha catorze anos e devia decidir-me para um trabalho, indaguei-me sem pensar em me alistar no exército austríaco. A alegria que um rapaz prova diante do esplendor de um uniforme era pouca coisa ante o meu desejo, quando na verdade era vestir-me da tarefa de um exército em tempo de paz e de guerra

¹² “Con commozione leggiamo che tanto sua madre quanto sua nonna andarono in matrimonio contro la loro volontà e che per tutta la vita persistettero nell’intimo rifiuto del matrimonio stesso. “Noi non siamo figli dell’amore, bensì figli della violenza carnale coniugale”, disse Mainländer di sé e dei suoi fratelli. [...]”. In: W. Rauschenberger, *Philipp Mainländer*, SchJb, Nr. 18, Jahr 1931, S- 229-245: 229.

[...].¹³

Philipp Mainlander recebeu sua formação escolar em Offenbach, sua cidade natal, situada às margens do rio Main. Aos quinze anos abandonou a *Realschule de Offenbach* e ingressou na Escola de Comércio de Dresda, em 1856, permanecendo nesta por dois anos. Seu pai sempre o estimulou a estudar as áreas comerciais, a fim de dar-lhes total responsabilidade sobre os negócios da família. O objetivo de seu pai era fazê-lo um contador.

Conta-nos, Ciraci, que, graças à amizade entre a família de Mainlander e o conhecido escritor alemão *Karl Ferdinand Gutzkow* (1811-1878), que nosso jovem pensador conhecerá o renomado professor *Dr. Heising*, um dos grandes pensadores de seu tempo, tendo recebido deste forte influência ao longo de sua formação intelectual. Foi também o professor Heising que persuadiu o pai de Mainlander a deixá-lo seguir a carreira acadêmica.

De acordo com Ciraci (2006, p. 32),

Em primeiro de junho de 1858, Mainlander se colocou em viagem à França, com destino à Itália, a fim de assumir um posto comercial em Nápole. O filósofo passou cinco anos desta terra. Este período foi de grande importância para seu desenvolvimento intelectual. [...] ¹⁴

Apesar de forte inclinação para a poesia e para a leitura de pensadores ilustres, Mainlander, por vontade do pai, formou-se contador e, com vistas a aumentar seus conhecimentos, viajou para Nápoles (Itália), onde viveu de 1858 a 1863, trabalhando em um banco. Aprendeu italiano e leu Dante, Petrarca e Boccaccio, entre outros clássicos da Filosofia medieval. Foi nesta terra italiana que Mainlander cultivou ainda mais seu amor pela poesia, destacando-se entre os da alta sociedade napolitana. Mas, também nesse período, se afundou em largas depressões.

¹³ “Quando ero quattordicenne e dovevo decidermi per un lavoro, chiesi senza riflettere di lasciarmi arruolare nell’esercito austriaco. La gioia che un ragazzo prova di fronte allo splendore della divisa era così poco il motivo del mio desiderio, quanto invece lo era figurarmi il compito di un esercito in tempo di pace e di guerra. [...]”.

¹⁴ “Il primo giugno 1858, Mainländer si mise in viaggio attraverso la Francia, per recarsi in Italia, per prendere posto in una certa banca commerciale di Napoli. Il filosofo avrebbe trascorso nella nostra terra cinque anni. Questo soggiorno fu di grande importanza per il suo sviluppo intellettuale. [...]”.

Entre as causas apresentadas pelo próprio Mainlander para estas crises depressivas estão o rompimento de um relacionamento amoroso com uma jovem moça de Offenbach e a morte de seu irmão Daniel. O sofrimento de Mainlander se tornara maior, principalmente após a chegada, em atraso, de duas cartas que seu irmão lhe havia enviado dias antes de cometer o suicídio, sendo que, numa dessas cartas Daniel relatava a espera pela visita do irmão, e na outra, a decisão de pôr fim à própria vida. De acordo com Ciraci (*id.*, p. 26), Daniel era o preferido da família.

Durante o tempo em que viveu em Nápoles, Mainlander teve contato com duas grandes obras clássicas: *Tractatus Theologicus-Politicus* (de Baruch de Espinosa), poucos meses após sua chegada à cidade, sendo também na cidade partenopeia, que, em fevereiro de 1860, Mainlander terá seu primeiro contato com a obra principal de *Arthur Schopenhauer* (1788-1860), *O mundo como vontade e como representação* (1818). A partir desse contato, dirá o filósofo: “[...] senti que havia renascido” (CIRACÌ, 2015, p. 39).

Dado o encontro e fascínio de Mainlander com a filosofia pessimista de Schopenhauer, naquele fevereiro de 1860, o filósofo de Offenbach terá uma grande prova pela frente: superar a morte de sua mãe no dia 5 de outubro de 1865 (dia de seu 24º aniversário). Aquele acontecimento trágico era como o estopim para que o jovem pensador se libertasse de vez das obrigações que seu pai lhe impunha, principalmente no que se referia aos cuidados com os negócios da família e dos interesses de Georg Batz.

Em 1863, Mainlander retorna à Alemanha, pressionado por cumprir a função encomendada por seu pai: fazer cargo da administração dos negócios da família na fábrica de couros. Para o poeta e filósofo este trabalho significava mais um castigo que um prêmio ou reconhecimento de confiança. Entre 1864 e 1866 viveu com seu pai, tratando de conduzir a empresa com dedicação e grande zelo pelo bem patrimonial de sua família.

Ansioso por se tornar autônomo e sair da “guarda paterna”, Mainlander “[...] conseguiu, graças ao fato de conhecer muitas línguas estrangeiras, um emprego como

*correspondente em um banco de Berlim, em 1868. [...]” (idem., p. 40). Neste tempo, dedicou-se aos estudos da filosofia de Schopenhauer, bem como à leitura de *A Crítica da Razão Pura* (1781), de Immanuel Kant (1724-1804). Grosso modo sua intenção era, segundo Ciraci, “[...] conciliar a teoria de Schopenhauer com a própria visão religiosa e moral do mundo e com o seu *Sehnsucht** da morte [...]” (id.)¹⁵.*

Ainda que trabalhando com o pai, Mainlander continuava seus estudos filosóficos, donde, de acordo com Ciraci,

[...] alimenta o seu lado romântico com a leitura de obras dos místicos medievais, como os escritos de Eulero e de Plotino, o *De divisione naturae* de Escoto Erígena a *Theologia Deutsch*, do Anônimo de Frankfurt, assim como as obras de Angelus Silesius e de Mestre Eckhart. E é à luz do emanacionismo e do método apofático da mística medieval que Mainländer propõe uma releitura da filosofia de Schopenhauer. (*op. cit.*, p. 39).

Sobre a terra natal de Mainlander, Ciraci (2006, p. 22) nos apresenta as seguintes descrições: “*Offenbach era uma grande área urbana, onde se desenvolveu a indústria da prata e química, favorecendo a concentração de mão de obra. O crescimento do proletariado era resposta às políticas do governo de Hessen (1840-1870) [...]”*¹⁶.

Nesse mesmo período, de acordo com o comentarista italiano, Frankfurt am Main testemunhava o surgimento e o desenvolvimento do banco privado e da indústria, devido às favoráveis condições econômicas da região, principalmente pelas vastas áreas de jardins e terraços, que lhes garantia estabilidade econômica, dado os processos de industrialização em vários países europeus, especificamente na Alemanha. Offenbach se desenvolveu rapidamente, chegando a aumentar sua população dez vezes em menos de cem anos.

Ainda de acordo com Ciraci, Mainlander aparentemente não cultivou muitos romances. Exceto aquela paixão arrebatadora, que logo foi substituída por outra paixão superior: a Filosofia. No entanto, ainda que tivesse romances, que fugiram dos relatos de

¹⁵ **Sehnsucht*: ânsia, desejo.

¹⁶ “*Offenbach era un grosso agglomerato urbano, onde in cui lo sviluppo dell’industria argentifera e chimica aveva favorito il concentrarsi della mano d’opera. Alla crescita del proletariato avevano risposto anche le politiche governative del Hessen (1840-1870) [...]”*.

seus biógrafos, parece que sua ideia de “castidade” fora levada a cabo, principalmente quando de sua promessa sobre o túmulo de sua mãe, logo após concluir a redação da primeira versão de sua obra: “*Virginität bis zum Tode!*” [“Virgem até a morte!”] (CIRACÌ, 2015, p. 41).

Apesar de aparente ausência ou poucas expressões de relacionamentos amorosos nos relatos sobre a vida de Mainlander, este era fervoroso patriota, e, por isso, usava o pseudônimo *Mainlander*, o “habitante de Meno”: “*Para este trabalho sou Philipp Mainländer e quero que assim seja até a morte e por todo o tempo que há de vir*” (*idem.*).

Ainda que a poesia e a filosofia tenham sido as grandes paixões de Mainlander, após muita insistência, no dia 6 de Abril de 1874, finalmente, o sonho do filósofo se concretiza e ele consegue entrar para o exército, sendo designado couraceiro voluntário em Halberstadt. Era a realização de um desejo juvenil, que há tempos sondava seus pensamentos. Foi neste período que Mainlander começou a sistematizar seu trabalho, que havia iniciado durante um período em Berlim, completando e corrigindo a sua *Filosofia da Redenção*.

Segundo Ciraci,

Depois de um ano, tendo abandonado o exército e, junto com ele, a ilusão de encontrar patriotas e prosélitos para a sua filosofia, Mainländer se dedicou de corpo e alma à revisão da sua obra, corrigindo algumas partes. Os capítulos que foram excluídos na versão definitiva da obra, verdadeiros ensaios autônomos, seriam reunidos posteriormente pela irmã, Minna Batz, dando vida ao segundo volume póstumo da obra. (2015, p. 41)

A vida de Mainlander foi, desde o início, marcada por situações conflituosas com a própria existência e com seus familiares, principalmente no que se referia aos suicídios que aconteceram em sua família, sendo ele, assim como alguns irmãos, um de seus adeptos, ao final da vida.

Nesse sentido, o *suicídio*, principal tema abordado por Mainlander em sua obra, sendo também esta a ideia central apontada como “finalidade do mundo” (*metafísica da entropia*), e que superava a de seu mestre Schopenhauer pela radicalidade de sua defesa, era defendido como a “redenção do mundo e dos homens”.

Assim, fazendo jus à sua ideia do “Ser ao não-Ser” (*“Dall'essere al non-essere”*), entre a noite do dia 31 de março e a madrugada do dia 1º de Abril de 1876, após ter recebido em sua casa exemplares de sua obra magna, e pensando não ter mais objetivos na vida, Philipp Mainlander se despede da existência cometendo o suicídio. *Redimiu-se*.

1.3 – Mainlander: “o apóstolo de Schopenhauer”.

Conhecer um pouco da filosofia schopenhaueriana é indispensável para compreender a corrente filosófica adotada por Philipp Mainlander, principalmente porque fora o próprio Mainlander que afirmara ser como “o Paulo de Schopenhauer”, numa comparação escancarada de si mesmo com o pregador cristão mais importante no início do processo de expansão do cristianismo no antigo Império Romano.

Pensar a história de Mainlander sem perceber nela os traços fundamentais da filosofia schopenhaueriana seria como desmerecer todo o afeto e devoção que o filósofo de Offenbach dedicava a seu mestre. O próprio Mainlander é quem descreve sua aproximação com a filosofia de Schopenhauer: *“Abraço de maneira sempre mais estreita o pensamento de Schopenhauer. Em um momento em que me senti realmente entusiasmado, jurei: quero ser o teu Paulo. E mantive a promessa”* (Ciraci, 2015, p. 40).

Arthur Schopenhauer e Mainlander, apesar de ideias não tão populares (principalmente as deste último), foram homens dotados de sabedoria e grande inquietude quanto às questões que se lhes apresentavam no dia a dia, tendo, cada um, à sua maneira, no seu tempo e de acordo com suas ideias, apresentado suas respostas, principalmente no âmbito da Filosofia e da “reformulação” de importantes temas que inquietam o espírito humano, quais sejam: os valores morais, religiosos, estéticos, políticos, materiais, sociais, etc.

Ao lado de *Julius Bahnsen* (1830-1881)¹⁷, cuja teoria é uma tentativa de

¹⁷ Para maiores informações sobre os autores identificados como da “Escola de Schopenhauer”, indico a leitura de *“Tragédia sem redenção: o pessimismo absoluto de Julius Bahnsen”*, de Flamarion Caldeira Ramos, artigo publicado na Revista Voluntas – Estudos sobre Schopenhauer, vol. 6, nº. 2, 2º semestre de 2015. Disponível em: <<https://emcioranbr.org/tag/julius-bahnsen/>>. Acesso: 15/05/2017.

conciliação entre a *filosofia da Vontade* de Schopenhauer com a *dialética* de Hegel, resultando numa *dialética real* (“*Realdialektik*”) ou “*pessimismo absoluto*”; e *Karl Robert Eduard Von Hartmann* (1842-1906), chamado “o filósofo do Inconsciente”, que procurou conciliar duas escolas do pensamento filosófico (racionalismo e irracionalismo), enfatizando o papel central da “mente inconsciente”, Mainlander está inscrito entre os pensadores metafísicos da “Escola de Schopenhauer” (também chamados *pós-schopenhauerianos*), dada a importância de sua obra entre os comentadores da filosofia schopenhaueriana.

De acordo com o filósofo e professor Flamarion Caldeira Ramos, “[...] *Mainlander apresenta sua obra como uma continuação e correção da filosofia de Schopenhauer, a qual ele não apenas radicaliza, mas conduz a uma espécie de ontologia negativa em que o ‘Não ser’ teria prevalência metafísica sobre o ‘ser’.*” (*Op. cit.*, p. 40).

Ainda que não se pretenda abordar, aqui, a filosofia de Schopenhauer, suas concordâncias e discordâncias com a filosofia de Mainlander, a referência à sua história e pensamento certamente aparecerão por vezes, dada a aproximação de termos e conceitos em ambos pensadores. Nesse sentido, trataremos, mais adiante, sobre os principais aspectos da divergência entre o discípulo e seu mestre, sobretudo no que se refere ao entendimento de um e de outro acerca da *metafísica* e da *política*, pontos principais de suas discordâncias no campo das ideias.

Enquanto, “[...] *a filosofia de Schopenhauer se volta contra o próprio mundo. [...]*” (RAMOS, p. 38), Mainlander apresenta uma “nova interpretação” para superação deste “vale de lágrimas”, sendo o mundo o instrumento no qual o Ser concretiza seu objetivo-final: “Não Ser”. Este pensamento fica definido para a maioria de seus comentadores como “a metafísica da entropia”.

Assim, buscando correlacionar o pensamento de Schopenhauer e Mainlander, apresentarei, a seguir, uma pequena explanação de como o mestre de Mainlander via o mundo, bem como “o sentido da vida social”, aspectos que podem ter sido fatores importantes para a aproximação destes pensadores sobre “o ser no mundo”. Ainda que

não seja uma descrição detalhada do pensamento de Schopenhauer (o que nos custaria maior aprofundamento neste campo, e que não se busca aqui), apresentar um pouco de seu pensamento é também entender o porquê da *Filosofia da Redenção* de Mainlander.

Em *A Arte de Insultar*, numa fábula usada por Schopenhauer para descrever o que pensava sobre a vida em sociedade, este aponta a vida social como regida por um falso sentimento de pertença e coletividade, coexistindo, sobretudo, o interesse individual e egoísta pelo próprio bem estar; para Schopenhauer, não só a vida social, mas a própria existência, sempre será definida pelo sofrimento, dor e morte.

Na fábula, o mestre de Mainlander nos conta:

Num dia frio de inverno, alguns porcos-espinhos resolveram se aglomerar bem próximos uns dos outros para proteger-se do frio com o calor recíproco. No entanto, logo sentiram também os espinhos recíprocos, que os obrigaram a se afastar novamente uns dos outros. Quando então a necessidade de se esquentar voltou a aproximá-los, o segundo mal se repetiu, de modo que ficaram oscilando de um lado para o outro entre os dois sofrimentos, até encontrarem uma distância adequada em que pudessem se manter da melhor forma possível. Sendo assim, a necessidade da sociedade, que nasce do vazio e da monotonia do próprio íntimo, aproxima os homens uns dos outros. No entanto, suas inúmeras características repulsivas e seus erros insuportáveis voltam a afastá-los. A distância intermediária que, por fim, conseguem encontrar e que possibilita uma coexistência está na cortesia e nas boas maneiras. Àquele que não mantém essa distância, diz-se na Inglaterra: "keep your distance!" [mantenha distância!] Com ela, a necessidade de calor recíproco é satisfeita de modo incompleto, porém não se sentem os espinhos alheios. Entretanto, quem possui muito calor interno prefere renunciar à sociedade para não provocar nem receber achaques.

Considerando que a ideia que Schopenhauer tem do mundo é de “dor, sofrimento e morte”, e que sua filosofia serviu de base para a restauração do “ethos burguês”, prejudicado pela Revolução de 1848, o pai do pessimismo contempla a existência e as ações do homem sobre o globo como uma mera “representação da vontade”, que ele abordará com mais detalhes em sua obra magna “*O mundo como vontade e representação*”.

Ao citar a crítica de Lukács contra Schopenhauer, que “[...] *reduz o alcance da filosofia schopenhaueriana ao considerá-la meramente como um ranço de classe* [...]” (p. 36), Ramos salienta que “[...] Schopenhauer seria assim apenas a expressão teórica

irracionalista das transformações que necessariamente se efetuaram no Estado prussiano depois de 1848 e do fracasso da revolução”, tornando-se assim “[...] *o filósofo daquela reação burguesa que a sua filosofia tinha previsto, de modo que a transformação burguesa do Estado semifeudal prussiano deu início ao êxito de sua filosofia, que antes não tinha podido dar-se.*” (*idem.*).

Ainda de acordo com Ramos, Schopenhauer teria “[...] *iniciado o movimento de liberação, através da ética, de todos os instintos negativos, anti-sociais e anti-humanos do homem, dando-lhes uma sanção moral, e apresentando-os se não como preceitos, pelo menos como ‘destino do homem’.*” (p. 37). Assim, continua Ramos, “[...] O pessimismo metafísico aprofundaria a alienação, pois conduz ao quietismo e à passividade social. [...]” (*idem.*).

Corroborando com a crítica de Lukács à filosofia burguesa de Schopenhauer, Ramos afirma que

[...] o pessimismo schopenhaueriano seria então a justificação filosófica do absurdo de toda atividade política e de todo progresso, através da desvalorização de toda forma de sociedade e historicidade. O egoísmo burguês, outra característica do pessimismo, é antes reforçado que negado, devido à concepção ética que confirma o isolamento do indivíduo. Tanto a teoria do conhecimento quanto a estética do filósofo conduziriam a esse fim. (p. 37).

Sobre a filosofia schopenhaueriana, Nigel Warburton (2014, p. 147) afirma:

[...] a filosofia de Schopenhauer não é tão sombria quanto parece. Ele pensava que, se pudéssemos pelo menos reconhecer a verdadeira natureza da realidade, nós nos comportaríamos de maneira bem diferente e poderíamos evitar algumas das características mais tristes da condição humana. Sua mensagem era parecida com a de Buda. Buda ensinava que toda vida envolve sofrimento, mas que em um nível profundo não há coisas como “si mesmo”: se reconhecermos isso, poderemos atingir a iluminação. Essa semelhança não era coincidência. Ao contrário da maioria dos filósofos ocidentais, Schopenhauer baseara-se amplamente na filosofia oriental.

De acordo com Ramos (2007, p. 39),

[...] O pessimismo filosófico do século XIX se constitui na esteira da filosofia de Schopenhauer, mas nem sempre com uma postura apologética a este último ou ao capitalismo. Os principais autores desse “movimento” são Eduard von Hartmann, Julius Bahnsen e Philipp Mainländer. Eduard von Hartmann, cuja obra principal é a *Filosofia do Inconsciente*, de 1869, procura amalgamar

Hegel, Schelling e Schopenhauer ao colocar o “Inconsciente” como princípio alógico do universo. Julius Bahnsen é o filósofo da “dialética do real” (Realdialektik), em que busca transformar a contradição dialética numa espécie de essência de todas as coisas, uma tentativa de desenvolver a idéia de Schopenhauer da “desunião essencial da vontade consigo mesma”. Já Philipp Mainländer se apresenta como o mais radical dos discípulos de Schopenhauer, não apenas em sua obra, mas também em sua vida – e morte.

No âmbito metafísico, Mainlander se afasta de Schopenhauer a partir da ideia de *deus* (com a *primeira letra minúscula*), pois o filósofo não fazia referência ao Deus judaico-cristão, mas tão somente como uma ideia imanente, “um *devir*”, conforme nos afirma Ciraci (2015, p. 44):

Diversamente de Schopenhauer – para o qual não existe nenhuma divindade, nem no mundo, nem além do mundo –, Mainländer distingue, antes de mais nada, o princípio imanente à realidade, a vontade, e tudo aquilo que transcende do mundo, deus, identificando-o com a unidade do ser. Para Mainländer, deus é a unidade primigênia que já existia antes da criação do mundo e que repousava em uma imobilidade absoluta. Nós só podemos hipotizá-la como causa do mundo – escreve o filósofo – e imaginá-la na sua absoluta imobilidade, mas não “capturá-la” racionalmente, visto que só temos experiência do devir e do que é múltiplo, ou seja, de vontades individuais em movimento.

Além da “ideia de deus”, que será um dos entraves na união plena entre o pensamento de Schopenhauer e a filosofia da redenção de Mainlander, outros pontos entrarão em conflito sobre o que um e outro apontavam como “finalidade do mundo”, sentido da existência e temas correlacionados. Neste sentido, citando Theodor Lessing¹⁸, Ciraci confirma o impacto das ideias de Mainlander para o seu tempo: “*Não por acaso, Theodor Lessing definirá a obra de Mainländer como ‘uma intrincada mistura de pessimismo e doutrinário [...] talvez o mais radical sistema de pessimismo que a filosofia conhece’*” (2015, p. 40).

Outro ponto que separa Mainlander e Schopenhauer diz respeito à contemplação filosófica sobre a teoria do conhecimento e a “ação política” do indivíduo no mundo. Se com Schopenhauer a vida é angústia, sofrimento e morte, em Mainlander, haverá pouca discordância em torno disso, mas acrescentará a “vontade individual”, como parte de um “plano maior”: do “*ser que anseia por não ser*”.

¹⁸ **Theodor Lessing** (1872-1933) era um filósofo judeu alemão.

[...] Já por meio de sua reflexão sobre teoria do conhecimento, Mainländer chega a uma conclusão oposta ao pós-kantiano Schopenhauer no que se refere à coisa-em-si: esta não é, para ele, a Vontade de vida, universal e atemporal, que se expressa como essência de todas as coisas para além do tempo e espaço. Para Mainländer, a coisa-em-si poderia ser designada como a Vontade de morte individual que está presente em todas as coisas. Essa vontade individual, que por meio de um “campo de forças” age de acordo com outras inumeráveis vontades individuais e é o produto da transição de uma unidade transcendente a uma multiplicidade imanente, a “transformação da essência”. (RAMOS, 2007, p. 40)

Talvez Philipp Mainlander não tivesse sido lembrado entre os pensadores alemães, e não tivesse provado do prestígio de ser citado entre os filósofos pessimistas não fosse a referência à sua obra trazida por um grande pensador de seu tempo, polêmico e também “discípulo” de Schopenhauer: *Friedrich Nietzsche* (1844-1900). Tal referência se deve ao fato de Nietzsche ter recebido de um amigo, pelo qual tinha estima, o exemplar da obra de Mainlander, no mesmo ano de sua publicação e morte do filósofo de Offenbach (1876).

Não obstante, Nietzsche, ainda que tenha dado alguma atenção ao pensamento de seu contemporâneo, não concordava com sua “filosofia da redenção”, principalmente porque Mainlander, de acordo Nietzsche, apresenta o pessimismo schopenhaueriano de uma forma considerada por este como “mística e piedosa”, “quietista”, “idealista”, ainda que com roupagem de militância política.

Ou deveríamos considerar alemães autênticos os diletantes e velhas solteironas como Mainländer, o adocicado apóstolo da virgindade? Ele terá sido judeu, afinal (– todos os judeus se tornam adocicados ao moralizar). Nem Bahnsen nem Mainländer, menos ainda E. Von Hartmann, fornecem dados seguros para a questão de saber se o pessimismo de Schopenhauer, seu olhar de horror a um mundo desdivinizado, que se tornara estúpido, cego, louco e questionável, seu honesto horror... seria não um mero acaso excepcional entre os alemães mas um evento alemão (...) Não, os alemães de hoje não são pessimistas! E Schopenhauer era pessimista, repito, como bom europeu e não como alemão. (trecho extraído de RAMOS, p. 47)¹⁹

No entanto, a fama de Mainlander não ficou apenas nos comentários venenosos de Nietzsche. Outros autores, inclusive do século XX, como *Emil Cioran* (1911-1995)²⁰, por

¹⁹ Nietzsche, F. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 257

²⁰ “*Quale senso trovare all’idea di redenzione? Tentare di leggere il libro di Philipp Mainländer: Die Philosophie der Erlösung.*” (E.M. Cioran, *Taccuino di Talamanca. Ibiza (31 luglio-25 agosto 1966)* [Cahier de Talamanca. Ibiza (31 juillet-25 août 1966), 2000], tr. it. di C. Fantechi, Adelphi, Milano, 2011, p. 31).

exemplo, já se referiram ao *poeta e filósofo de Main*.

Ainda que a filosofia schopenhaueriana tenha sido onde Mainlander afirmava ter encontrado seus deleites, não é sobre Schopenhauer que trataremos aqui, de modo que as sutis semelhanças e divergências entre os pensadores explicitem, por si mesmas, as influências diretas e as contradições existentes entre as ideias destes, conforme trataremos adiante sobre o conceito de questão social em Mainlander, considerando as contribuições dos comentadores de sua *Filosofia da Redenção*.

Foi o próprio Nietzsche quem, exaltando à primeira vista a obra de seu contemporâneo, afirmou: “*Nós já lemos Voltaire demais, agora é a vez de Mainländer*”²¹. Considerando, pois, que a vida é movimento, conforme afirmava Mainlander, e corroborando com Ramos (2007, p. 49): “[...] talvez já tenhamos lido Nietzsche demais, é a vez de Mainländer!”.

2. A QUESTÃO SOCIAL EM PHILIPP MAINLANDER: “UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO PARA A REDENÇÃO”

2.1 – A obra de Mainlander: a *Filosofia da Redenção*

Assim como acontece entre os acadêmicos de Filosofia, parece que Mainlander não é conhecido entre os pesquisadores das Ciências Sociais, dada a parca ou nula existência de referências à sua teoria filosófica em trabalhos acadêmicos voltados à investigação da questão social. No entanto, ao apreciar um pouco de sua obra principal, a partir dos fragmentos traduzidos por seus comentadores e estudiosos, é possível que identifiquemos alguns apontamentos que parecem indicar uma pretensa ideia para significação moral, individual, intelectual e social do homem no mundo, principalmente quando o autor, atrelando metafísica e política às questões existenciais, coloca a questão

²¹ Nietzsche, F. *Nietzsche Briefwechsel*. Kritische Gesamtausgabe. Zweite Abteilung, Fünfter Band. Giorgio Colli u. Mazino Montinari (orgs.). Januar 1875 – Dezember 1879. Berlin, Nova York: Walter de Gruyter, 1980, p. 202. (citado por Ramos, 2007, p. 40).

social como um problema político e econômico, mas, principalmente, como uma “questão educacional”. A Filosofia da Redenção de Mainlander, no entanto, é mais que isso. Ela proclama o “vir-a-ser” de toda a existência humana e para o qual é o próprio sentido metafísico da vida: a morte. Mainlander aponta “o Nada como sendo o Tudo”.

Assim como seu mestre, Philipp Mainlander desenvolveu seus pensamentos, dividindo-os sistematicamente em seis livros, quais sejam: *Teoria do Conhecimento, Física, Estética, Ética, Política e Metafísica*. Estes livros, juntos, formam a compilação de sua *Filosofia da Redenção*. Além dos livros contidos em sua obra, Mainlander acrescentou, ao final da primeira edição, um apêndice crítico sobre as filosofias kantiana e schopenhaueriana.

Grosso modo, a filosofia de Mainlander tem sido apresentada como uma superação do pessimismo de Schopenhauer, principalmente por levar o pessimismo à sua total radicalidade, apresentando a *castidade* e o *suicídio* como meios para a redenção do homem e fim-último da humanidade. É claro que o filósofo alemão não crê todos compreendam isto, nem que este entendimento seja dado “do dia pra noite”, mas que estas “verdades” constituem a chave para o conhecimento da essência da existência:

[...] A castidade e o suicídio, quando conscientemente exercidos através do conhecimento da essência do mundo, são apenas meios de realizar completa e conscientemente aquela finalidade, o nada absoluto para o qual no fim das contas o mundo inevitavelmente aponta. (RAMOS, p. 42)

De acordo com Fabio Ciraci (2015, p. 42),

Mainländer define a sua filosofia como uma filosofia imanente, indicando assim o seu desejo de fundamentar cientificamente a sua análise a partir do mundo empírico. Uma exigência que logo será abandonada a favor de uma fundação metafísica de matriz místico-religiosa. Antes de mais nada, Mainländer determina que na "região do imanente [*immanentes Gebiet*]", tal como ele chama o mundo empírico, é possível obter experiência apenas de elementos individuais e em movimento.

Na *Metafísica* de Mainlander, “[...] *vida e movimento são conceitos intercambiáveis porque onde há vida, há movimento e vice-versa, e que uma vida sem*

movimento não poderia ser concebida pelo pensamento humano [...]”²².

De acordo com Ramos (2007, p. 40),

[...] Para Mainländer, a coisa-em-si poderia ser designada como a *Vontade de morte individual* que está presente em todas as coisas. Essa vontade individual, que por meio de um “campo de forças” age de acordo com outras inumeráveis vontades individuais e é o produto da transição de uma unidade transcendente a uma multiplicidade imanente, a “transformação da essência”. [...]. (grifos do autor)

Em Ciraci (2015, p. 43), “Mainländer estabelece, então, a *tríplice equação vontade de vida = vida = movimento, pondo em prática a sua revisão real-empirista da vontade schopenhaueriana. A Vontade é a essência metafísica do mundo, mas é sempre associada ao devir. [...]*”. Se com Schopenhauer Mainlander concorda sobre “[...] a *unicidade do princípio imanente com o mundo do devir [...]*” (*idem.*), seguindo a linha de raciocínio de seu contemporâneo “[...] *Julius Bahnsen, Mainlander também afirma que todas as forças são manifestações de vontades individuais violando assim o preceito schopenhaueriano segundo o qual a Vontade metafísica é única. [...]*” (*Op. cit.*). Partindo de pressupostos metafísicos, Mainlander explica a existência (e essência) do Ser como *em movimento*.

Se em Schopenhauer “[...] *O egoísmo burguês, outra característica do pessimismo, é antes reforçado que negado, devido à concepção ética que confirma o isolamento do indivíduo [...]*” (*Op. Cit.*, p. 37), em Mainlander, a contemplação do *fim-último* da humanidade (do Ser), através do conhecimento filosófico, é o consolo para a angústia existencial de todos os seres humanos. Ou seja, se o pessimismo schopenhaueriano contribuiu ao quietismo e pacificidade das massas dos trabalhadores, que vivenciaram os primeiros sinais (ou expressões) da *questão social* na Alemanha, para Mainlander, a Filosofia deveria ser o amparo à falta de sentido da existência, sendo a sua filosofia da redenção, o fundamento que dava a compreensão daquelas verdades previstas no pessimismo de seu mestre.

²² Ph. Mainländer, *Die Philosophie der Erlösung*, in *Schriften*, cit., Bd. 1, I, 49 (citado por Ciraci, 2015, p. 43).

Mainlander desperta nossa curiosidade, uma vez que sua filosofia “[...] *reinterpreta e radicaliza o pessimismo de Schopenhauer em uma ‘metafísica da entropia’, e interpreta toda a história do mundo como uma descontínua, mas inevitável decadência*” (RAMOS, p. 41).

De acordo com Sandra Baquedano, em seu trabalho intitulado “¿*Voluntad de vivir o voluntad de morir? El Suicidio en Schopenhauer y Mainländer*” (2007, p. 122), uma das premissas que embasam o fundamento da filosofia de Mainlander pode ser definida nesta afirmação: “O mundo inteiro, o universo, tem um objetivo, o não-ser, e consegue isso através de enfraquecimento contínuo da soma de forças”²³.

Em Ciraci (2015, p. 41),

Para Mainländer, a sua *filosofia da redenção* não deveria representar somente a construção ideal de um sistema filosófico, mas se tornar, sobretudo, um programa de vida a ser concretizado: “*Meine theoretische That ist getan. Die praktische ist eingeleitet. Sie wurde von Dämon unbewusst begonnen.*”²⁴.

Em nota de rodapé, Ramos (2007, p. 44) nos informa que,

Antes de se suicidar, Mainlander escreveu um segundo volume da “Filosofia da Redenção”, que foi publicado em 1886 por sua irmã Minna Batz. Nele se encontra um texto intitulado “*Três discursos aos trabalhadores alemães*”, que também foi entregue ao movimento operário social democrata em forma de panfleto.

Em Ramos (2007, p. 37), “*Ao esvaziar de sentido toda ação política, o pessimismo de Schopenhauer acabaria funcionando, intencionalmente ou não, como uma apologia indireta do capitalismo.*”

Para Mainlander,

[...] Este movimento ocorre apenas por meio de uma força violenta irresistível, que, de modo geral, é o onipotente destino da humanidade; tudo que se volta contrário é esmagado e triturado como o vidro; de onde surge o Estado,

²³ “*El mundo completo, el universo, tiene una meta, el no-ser, y logra ésta mediante el continuo debilitamiento de su suma de fuerzas*”.

²⁴ “*A minha ação teórica está concluída. A prática está encaminhada. Ela vai ser iniciada pelo gênio inconsciente*” (Tradução do autor. Grifo nosso).

chamado civilização.[...] ²⁵

Nesse sentido, vale considerar que,

[...] Para Mainländer, é uma necessidade tanto prática quanto teórica que o homem seja independente, pois só a partir desse fundamento é possível uma comunidade ética, intelectual e social. Embora o indivíduo seja, por um lado, dependente do todo, por outro ele pode também influenciar esse todo. A autonomia do agir é para Mainländer a primeira “verdade social”, e deve ser assegurada tanto para o indivíduo quanto para a comunidade. A partir disso Mainländer deduz o sufrágio universal e outras conquistas democráticas como progresso para aquilo que ele denominará como a “penúltima finalidade” da história: a implantação do “estado ideal” que para ele coincide com o estado socialista. Se o sentido da história está dado, resta apenas acelerar seu curso. (RAMOS, p. 43)

Diferentemente de Schopenhauer, Mainlander apresenta um tipo de pessimismo com “modelo de Estado-ideal”, que será transitório e preparará a humanidade para seu verdadeiro objetivo: o *Nada absoluto*, sua verdadeira “essência existencial”. É claro que Mainlander não limita a existência (o “Ser”, “o Todo”) à frágil vida humana, mas, ao colocar o mundo como “[...] *instrumento do suicídio divino, um ponto de passagem para a redenção* [...]” (CIRACÌ, 2015, p. 50), ou ainda, “[...] *o meio para a finalidade do não-ser, e na verdade é o mundo o único meio possível* [...]”²⁶, entrelaça, por assim dizer, seu fundamento metafísico-místico-religioso com a ideia de Estado, que seu pensamento sobre a *Política* desemboca, apresentando, também, apontamentos para superação das desigualdades sociais produzidas pela exploração dos mais pobres, sobretudo a partir do seu envolvimento e participação política ativa, instruindo e meio que “profetizando” em sua obra, a instauração de um “Estado socialista”, que “virá-a-ser” a última etapa “antes da redenção”.

De acordo com RAMOS (p. 44),

Esse “estado ideal” é concebido por Mainländer praticamente como um “princípio regulativo do socialismo”, algo sobre o qual o movimento operário deve ter consciência para lutar por sua realização, mas que, segundo sua

²⁵ [...] Questo movimento ha luogo solamente attraverso un'irresistibile forza violenta, che, considerata in maniera generale, è l'onnipotente destino dell'umanità; tutto ciò che gli si rivolta contro, sia esso un esercito di milioni di unità, viene schiacciato e frantumato come vetro; fin dove esso sfocia nello Stato, si chiama civilizzazione. [...] (Mainlander, *Philipp*. Citado por CIRACÌ, 2008, p.134).

²⁶ Mainländer, P. Die Philosophie der Erlösung. In: _____ Schriften, vol. I. Editado por Winfried H. Müller-Seyfarth. Hildesheim, Zúrique, Nova York: Olms, 1996, p. 325. (Citado por RAMOS, p. 42).

metafísica, será apenas um momento intermediário para a redenção completa.

Tendo apresentado, ainda que de maneira simplificada e pontual, as principais considerações acerca do entendimento de Mainlander para o sentido metafísico e fim-último para o qual, inevitavelmente, a humanidade se mantém em marcha, considerando, sobretudo, sua concepção de “Estado-ideal” (*idealen Staat*), apresentaremos, a seguir, a compreensão do filósofo sobre a questão social, salientando sua reflexão do ponto de vista da filosofia pessimista, vinculada à “Escola de Schopenhauer”.

2.2 – O conceito de questão social segundo Philipp Mainlander

Marcado pelo colapso dos impérios espanhol, chinês, francês e do antigo Sacro Império Romano-Germânico e Mogol, o século XIX testemunhou o crescimento acelerado da influência dos impérios britânico, russo, alemão, japonês e norte-americano no mercado mundial. Após a derrota do império francês e seus aliados nas chamadas guerras napoleônicas, o império britânico alcançou a supremacia mundial, controlando um quarto da população e um quinto do território mundial, principalmente após da “Pax Britannica”, que incentivou o comércio e desbravou forte perseguição contra a pirataria.

Começada na Inglaterra, a revolução industrial apresentava um problema: apesar dos avanços trazidos pela industrialização, a massa de trabalhadores vivendo em situações de pobreza e miséria extremas e o avanço de ideias progressistas no cenário político foram os aspectos mais relevantes desse período que gestou a chamada “questão social”.

Ainda que os problemas de cunho social e político tenham sido abordados com maior atenção por historiadores e cientistas sociais dos séculos destas revoluções, alguns filósofos tiveram significativa participação na elaboração de reflexões e alternativas para compreensão dos processos de transformação das relações humanas, também no âmbito do trabalho, bem como no entendimento das causas da pobreza e da exploração dos trabalhadores nas “cidades industriais”, de modo singular aqueles que vivenciaram de perto tais processos, como é o caso de Philipp Mainlander.

O capítulo da *Política* da Filosofia da redenção se abre com a intenção de

colocar o livro de Ética dentro da Política, do qual, a seu tempo, deve ser considerada de um alto ponto de vista da Metafísica. Se, de fato, na Ética Mainlander havia se ocupado da ação do homem em relação aos seus semelhantes e ao Estado, na Política o pensador descreverá as leis e formas gerais do *movimento do ser ao não ser*, que conduzirá a humanidade ao *Estado Ideal*, sendo este o último estágio para a passagem ao nada absoluto.²⁷

De acordo com Ciraci (2015, p. 49),

[...] a filosofia mainländeriana é, acima de tudo, uma filosofia da história que parte de uma fenomenologia própria ser – devir – nada / Sein-Werden-Nichts. Nesse sentido, Mainländer pertence àquela geração de filósofos pós-hegelianos que reagiram ao hegelianismo, procurando em Schopenhauer um antídoto contra o otimismo e o racionalismo.

Em Ramos (2007, p. 43), a crítica da filosofia de Mainlander se contrapõe à de seu mestre principalmente quando da passividade e inatividade pregadas pelo “pai do pessimismo” ante as mudanças possíveis no âmbito da transformação social:

[...] O primeiro volume de sua Filosofia da Redenção se encerra com uma “Crítica das doutrinas de Kant e Schopenhauer” e o capítulo final dessa parte, intitulado “Política”, traz o seguinte comentário: “A miséria do povo é descrita [por Schopenhauer] de maneira excelente, mas isso apenas para dar relevo ao pessimismo. Ademais, Schopenhauer só ofereceu palavras de ódio e desprezo para o povo e seu esforço, e devemos nos afastar horrorizados dessa perversidade de disposição (*Gesinnung*) do grande homem”.

Sobre a “questão social”, de acordo com Carlos Javier González Serrano (2016), citando Mainländer:

No campo econômico, o trabalhador e sua força foram certamente livres, mas a renda do trabalho era muito limitada; de modo a que o trabalhador foi novamente de fato um servo. Em vez do senhor, sob qualquer forma, para a qual ele trabalhava, a fim de atender às necessidades vitais, veio o frio e terrível de todos os tiranos: o capital. [...] Nesta situação se mostra outra grande lei da civilização: a lei da miséria social.²⁸

²⁷ “Il capitolo della Politica della Filosofia della redenzione si apre con l'intenzione di collocare il libro dell'Etica all'interno di quello della Politica, la quale, a sua volta, deve essere considerata dal superiore punto di vista della Metafisica. Se, infatti, nell'Etica Mainlander si era occupato dell'azione dell'uomo in rapporto ai suoi simili e allo Stato, nella Politica il pensatore descriverà le leggi e le forme generali del movimento dall'essere verso il non essere, che conducono l'umanità verso lo Stato ideale, quest'ultimo inteso come l'ultimo stadio per il passaggio nel nulla assoluto” (Ciraci, 2008, p. 134).

²⁸ “En el campo económico, el trabajador y su fuerza eran, sin duda, libres, pero la renta del trabajo era muy limitada; de manera que el trabajador volvía a ser, de hecho, un siervo. En lugar del señor, en cualquiera de sus formas, para el que se trabajaba, a fin de cubrir las necesidades vitales, apareció el más frío y terrible de todos los tiranos: el capital. [...] En esta situación se muestra otra gran ley de la civilización: la ley de la miseria social”.

De acordo com Ramos (p. 43),

O núcleo da questão social está, para Mainländer, na determinação das relações entre o indivíduo e a totalidade, que o conhecimento filosófico esclarece. A filosofia não pode desprezar o indivíduo, pois a unidade não está na totalidade, mas só existe pelo indivíduo, e todo progresso da totalidade está ligado à atividade intelectual, moral e social do indivíduo.

Com Ciraci (2015, p. 57),

à perpetuação da história sob a forma capitalista, baseada no desejo de dominação e na distinção entre classes, Mainländer opõe o Estado socialista, no interior do qual todas as necessidades do homem são satisfeitas e todas as vontades são saciadas e se entorpecem; por fim, para eliminar a vontade, que constitui a coisa em si de cada indivíduo, Mainländer não hesita em prescrever o suicídio.

Ao apontar o suicídio como antídoto para as dores da existência, Mainlander parte de pressupostos metafísicos que lhes dão base para sua filosofia, sobretudo porque o filósofo alemão trata da vida como um peso, um sofrimento do qual apenas a liberdade plena do indivíduo em dar termo à sua própria vida pode lhe trazer libertação, “redenção”. Assim, na filosofia de Mainlander, o que se sobressai é a plena liberdade individual, que escolhe, amparada na Filosofia, “não-ser”. No entanto, não é apenas o homem que caminha rumo ao “nada absoluto”, toda a humanidade está disposta a isso. É o *devoir* mainlanderiano.

A compreensão da metafísica mainlanderiana requer maior aprofundamento, sobretudo porque envolve concepções existenciais pautadas no individualismo schopenhaueriano, na física e filosofia dos antigos gregos, além daqueles fatores pessoais que o influenciaram ao longo da vida.

De modo geral, ainda que, para chegar ao fim-último a que está destinada, a humanidade precise tomar ciência de sua finitude e nulidade ante a própria existência, Mainlander reitera que somente com a saciedade de suas necessidades, o homem poderá encontrar a chave para a redenção.

[...] Saciados de todos os bens que o mundo pode oferecer devem ser todos os homens, para que a humanidade esteja madura para a redenção e, já que sua redenção é sua destinação, então os homens devem ser saciados, e essa saciedade só é possível com a resolução da questão social. (RAMOS, p. 45)

O Estado-ideal ou

[...] o socialismo proposto por Mainländer não se baseia na instituição de uma igualdade social meramente material. Ele não se baseia na igualdade de resultados ou bens, mas na igualdade de chances, possibilidades, opções, em suma, de escolha. Pretende-se democrático, sem ser meramente formalista. [...] (*Op. cit.*, p. 45).

Para chegar a este “Estado ideal”

[...] exige Mainländer algumas reivindicações que estão de acordo com as reivindicações do movimento operário: sufrágio universal, redução do tempo de trabalho, igualdade entre os sexos, aumento de salários, etc. O filósofo ressalta principalmente a necessidade da redução das horas de trabalho para acabar com a divisão social do trabalho que não permite que o trabalhador se forme. (*idem*)

Nesse sentido, Ramos (p. 46) nos afirma que, “[...] *Vê-se assim que Mainländer não deduz de sua metafísica pessimista nenhuma consequência conservadora, mas desenvolve, ainda que como estágio intermediário, a representação de um estado ideal social-democrata.* [...]”.

Ainda que desconhecido dos movimentos políticos que defendem as mesmas liberdades por ele apregoadas, Mainlander é um legítimo representante de “[...] *um pessimismo quietista com práxis social engajada.* [...]” (RAMOS, p. 44). Ainda que sua filosofia da redenção idealizasse um movimento entrópico do mundo (*uno-totalidade*), no qual “o ser escolhe não-ser”, Mainlander desenvolve sua *Weltbild* (“visão de mundo”) a partir de uma lei fundamental de um “gradual auto aniquilamento do mundo”, como aquela de inspiração no modelo budista de Nirvana, muito presente no pensamento de Schopenhauer. De acordo com Ciraci (2008, p. 133), dentro deste *movimento entrópico* estão presentes as *leis* e as *formas* desse *vir a ser*, que Mainlander aborda ao longo do capítulo da *Política*. Nele, Mainlander traça os elementos que compõem seu pensamento sobre o sentido do movimento ao *Estado ideal*, que, dentro deste “ponto de vista superior”, conduz ao nada, ao “auto-aniquilamento”.

De acordo com Mainlander, os fenômenos políticos europeus se manifestaram sob três leis fundamentais, quais sejam: a lei do nacionalismo, do humanismo e da separação entre Igreja e Estado. Para ele, era fundamental a destruição da relação que mantinha o

Estado sob orientação moral da religião. Destas leis, Mainlander assegura que a primeira lei se referia à separação dos Estados, ou porque o foram por questões de divisão de extensões territoriais durante o período medieval, ou por questões de “auto isolamento dos povos” ou ainda por conta daqueles povos que lutam pelo encontro de sua própria identidade. Aqui, Mainlander lança as bases para a idéia de liberdades nacionais, apresentando estes últimos como aqueles povos que “[...] *unidos pela linguagem, pelos costumes e pela cultura, buscam a sua unidade para não sucumbir em guerra contra outras nações* [...]” (Cf. CIRACÌ, 2008, p. 156).

Na segunda lei, a do humanismo, o pensador alemão se refere àquela ideia cultural particular, na qual o indivíduo é precioso e único no mundo. De acordo com o comentador italiano, Mainlander, ao inserir tal conceito, dá importância ao indivíduo (“ser fragmentado” na totalidade).

Por fim, na terceira lei, Mainlander aborda retoma o tema, que corre ao longo da segunda metade do século XIX, na Europa: a luta entre Igreja e Estado. Tal conflito, segundo Ciraci, Mainlander o aborda como a partir da conflituosa relação entre ciência e fé.

Mainlander aborda estas questões relativas às leis acima descritas num parágrafo, apresentando, em seguida, o problema econômico, que é a “questão social”. Para Mainlander, “[...] *problema que se refere ao ensino fundamental da humanidade*” (CIRACÌ, p. 157) ²⁹

Assim, de acordo com o próprio Mainlander:

A questão social não é outra senão uma questão de educação, mesmo quando superficialmente ela tenha uma aparência bem diferente; pois nela se trata apenas de elevar todos os homens àquele nível de conhecimento a partir do qual somente a vida pode ser corretamente avaliada. Como, porém, o caminho para essa altura está bloqueado por barreiras puramente econômicas e políticas, então a questão social no presente não se apresenta como uma pura questão educacional, mas principalmente uma questão política e então econômica. (citado por RAMOS, p. 44) ³⁰

²⁹ “[...] *problema che a sua volta rinvia a quello fondamentale dell'educazione dell'umanità.*”

³⁰ (Também em CIRACÌ, 2008, p. 157).

Em Mainlander, segundo Ciraci, assim como acontece com *Johann Gottlieb Fichte* (1762-1814)³¹, que recebe a influência da *paideia* de *Johann Heinrich Pestalozzi* (1746-1827)³², a ideia de *cultura* e *educação* acabam por serem identificadas uma com a outra “[...] *tornando-se a única ferramenta capaz de moldar o espírito e, assim, resolver os problemas sociais, políticas e econômicas, que são causados precisamente pela ignorância. [...]*” (*Op. cit.*).

Ainda de acordo com Ciraci, “[...] *Para Mainlander, os problemas sociais dos trabalhadores estão tão intimamente relacionados com a sua formação, que o pensador indica a ‘escola livre’; e na ‘reconciliação entre capital e trabalho’ a solução para a crise econômica produzida pelo capitalismo*” (*idem.*).

Por capitalismo, continua Ciraci: Mainlander entende a concentração do capital e da propriedade exclusiva dos meios de produção de uma elite, ao passo que, para o autor alemão, os trabalhadores deverão em resposta a isto, tornar-se os proprietários das ações das empresas em que trabalham, participando, inclusive, dos lucros que produzem. Somente quando isto acontecer - os trabalhadores assumirem papel protagonista na “vida social-industrial” -, é que surge o protótipo de Estado ideal pensado por Mainlander.

Para Mainlander, a conquista do Estado-ideal pelos trabalhadores não poderá acontecer de modo pacífico, nem sem a participação de classes superiores da própria sociedade, uma vez que a redenção é finalidade-última da humanidade: “[...] *Ed infatti, “dalla soluzione della questione sociale dipende la redenzione dell’umanità”*” (*cf. CIRACÌ, 2008, p. 158*).

³¹ **Johann Gottlieb Fichte** é considerado o fundador do idealismo moderno, para escrever sua filosofia ele toma a filosofia de Kant como ponto de partida. [...] A partir do conceito de liberdade Fichte fundamenta o dever, a virtude e a moral em geral. Fichte busca construir um sistema para tornar a filosofia uma ciência precisa e que surgisse de um princípio único e superior, esse sistema o autor chama de doutrina da ciência, onde ele tenta unificar as três Críticas de Kant. A principal inovação na filosofia de Fichte consiste em modificar o Eu Penso de Kant em seu Eu Puro, que é pura intuição, que se autocria, se autopõe, e se autocriando cria toda a realidade. Outra novidade no filósofo é identificar a essência desse eu que se autocria com a liberdade. Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=103>. Acesso: 18/06/2017.

³² **Johann Heinrich Pestalozzi** (1746-1827) foi um pedagogista suíço e educador pioneiro da reforma educacional.

Segundo Mainlander, chegar ao Estado ideal não é uma conquista apenas da classe trabalhadora, mas de toda a sociedade, inclusive do empenho das classes superiores, uma vez que diz respeito ao movimento global de toda a humanidade. É claro que ao afirmar isso, Mainlander parte do pressuposto que todos os homens tenham chegado, pelo conhecimento filosófico, à compreensão de sua condição enquanto parte do “ser que anseia não-ser”.

Aquilo que Mainlander chama de “socialismo utópico regressivo”, nada mais é que uma fase intermediária no processo existencial, que conduz toda a humanidade à sua própria destruição, através da entropia de suas forças, chegando o Ser ao “*nulla assoluto*” (*idem.*).

No segundo volume de sua Filosofia da Redenção, Mainlander apresenta três ensaios, nos quais, provavelmente, segundo Ciraci, dedica os dois primeiros ensaios ao público contrário ao socialismo, desenvolvendo, no primeiro ensaio, os “pressupostos teóricos do socialismo utópico clássico” (*amor livre, a redenção das mulheres, a negação da propriedade privada*); no segundo, “o socialismo prático”, no qual desenvolve, sob um título *Fichte*, “três discursos para aos trabalhadores alemães”. Nestes discursos, o primeiro tenta reconstruir a personalidade de *Ferdinand Lassalle* (1825-1864)³³; o segundo tem por objeto a “análise social do presente”; e, no terceiro ensaio, Mainlander aborda a legitimidade da revolta do *indivíduo contra o Estado*. De acordo com Ciraci, neste último ensaio, Mainlander descreve com detalhes os ritos e as regras gerais da nova “Ordem do Graal”, no qual ele visualiza a passagem da primeira fase do socialismo (Estado ideal) conquistado pelos trabalhadores, rumo à redenção total da humanidade.

É importante salientar, contudo, que, para Mainlander, “[...] esse processo só se acelera com a educação, pois a todos deveria ser dada a oportunidade de compreender a essência das coisas e atingir a redenção que, assim como a vontade, só pode ser individual.” (*idem.*). Corroborando com Ramos, Ciraci nos assegura que: “*Todas as vias da redenção indicadas por Mainländer, mesmo quando prescrevem ao indivíduo um*

³³ Considerado um precursor da social-democracia alemã. Foi contemporâneo de Karl Marx, com quem esteve junto durante a Revolução Prussiana de 1848 até romper com ele em 1864. Cunhou o conhecido conceito sociológico de *Constituição*.

certo ativismo político têm como objetivo principal o aniquilamento. [...]” (2015, p. 57).

Para Mainlander, a única saída possível deste “movimento dominado pela lei da dor” é, então, o nivelamento da sociedade, que por sua vez depende da solução para a questão social. Parece que, enquanto Schopenhauer abordava a questão da dor a partir de sua análise junto ao indivíduo, Mainlander, ainda que se volte a contemplar o indivíduo como “motor participante da atividade do todo”, analisa-a de um modo mais amplo, estendendo à toda a humanidade sua análise psicológica do sofrimento momentâneo, que levará todo o ser ao “auto aniquilamento”.

Conclui Ciraci: “*A intenção de Mainlander é combinar nacionalismo e cosmopolitismo, confiando a liderança do curso do mundo e sua redenção nas mãos da nação alemã*” (2008, p. 160). Assim, de acordo com o filósofo da entropia do mundo: “*É então para o período histórico em que vivemos o lema: por causa do cosmopolitismo todos seriam um patriota pronto para o sacrifício.*”³⁴

Ainda que tenhamos almejado apresentar e compreender o conceito da questão social segundo Philipp Mainlander, a partir dos comentadores de sua obra, reiteramos a necessidade de retorno e aprofundamento neste intento, sobretudo junto aos textos originais do autor alemão, considerando os limites na compreensão plena de suas ideias e as dificuldades encontradas no acesso à sua *Filosofia da Redenção*, inexistente em língua portuguesa.

³⁴ Citado por Ciraci: “*Vale allora per il periodo storico in cui viviamo il motto: a causa del cosmopolitismo ognuno sarebbe un patriota pronto al sacrificio*” (*ibidem*).

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Ao longo de todo o processo de organização desta pesquisa, bem como da definição dos materiais para estudo, fontes de referência, objetivos e apontamentos para apreciação da questão social segundo Philipp Mainlander, um dos principais desafios que se colocava era justamente a compreensão dos indicativos apresentados pelo autor para superação da questão social. Ao ter conhecimento que Mainlander contemplava a existência humana e todo o sentido da vida social a partir de uma profética e melancólica visão suicida para o mundo e para os homens, aumentava o interesse em conhecer mais e mais sobre sua filosofia da redenção, bem como as motivações individuais, intelectuais, familiares e sociais que o colocavam neste caminho.

Ainda que o acesso à obra principal de Mainlander não tenha sido possível, dada a inexistência de sua tradução em língua portuguesa, e que o contato com sua vida e obra tenha sido feito a partir de seus comentadores (com destaque para a maioria dos textos em alemão, italiano e espanhol), vale salientar as contribuições extraídas dessas fontes para este primeiro contato com a “ideia pessimista da questão social”, que possibilitou, ainda que timidamente, a apresentação e aproximação de abordagens diferentes em áreas distintas do conhecimento, sobretudo entre estudantes e pesquisadores em Serviço Social.

Resguardando-se de comentários preconceituosos ou que questionem o direcionamento filosófico do autor alemão, consideramos que o conceito de questão social, tratada por Mainlander como uma questão educacional, não encontra diferença nas abordagens de pesquisadores e estudiosos dessa temática, sendo considerada por estes, grosso modo, como uma conflituosa e contraditória relação entre “trabalho versus capital”, gerando pobreza, fome, miséria e exploração dos indivíduos sociais, sobretudo através da exploração da sua força de trabalho nas sociedades capitalistas.

Assim, considerando que o proposto para esta análise tenha sido alcançado, e que, ainda que tenhamos deixado passar despercebida alguma anotação importante sobre o período histórico, econômico, intelectual ou social da Europa durante o século XIX, novas pesquisas destinadas à compreensão da questão social são de extrema importância, tanto no passado quanto no presente, haja vista suas expressões serem particularizadas de

acordo com a cultura, a educação, a economia e a realidade política e social de um povo.

Ainda que a filosofia pessimista de Mainlander apresente uma resolução para os problemas sociais, desencadeados pela desigualdade social, e que a questão social tenha seu fundamento e superação na educação, donde o conhecimento filosófico é o “carro-chefe” da transformação social, sua contemplação do mundo e da vida social parecem colocá-lo em conflito não apenas com o sentido de suas preposições metafísicas, mas sobretudo com sua própria história de vida – e morte.

O pensamento de Mainlander, ainda que nos permita contemplar o suprassumo das abstrações filosóficas schopenhauerianas, nada apresenta de instigante que conduza o homem à superação de suas limitações e crises existenciais. Mesmo que explique “metafisicamente” o sentido da existência e o “devir”, o autor alemão escorrega no melancólico egoísmo e individualismo burguês, orientando ao homem (já desfalecido pela exploração de sua vida carregada de “vontade” e “representações”) a castidade e o suicídio como meios de se redimir de sua funesta existência. Mas que redenção é essa na qual o próprio ente é seu “cordeiro imolado”?

Contudo, ainda que a ideia de Mainlander acerca da chegada ao Estado ideal esteja distante de se tornar realidade, dificilmente a humanidade optaria por seu autoextermínio, de forma consciente e livre, como profetizava o “apóstolo schopenhaueriano”. No entanto, a importância de sua obra e de suas ideias foram marcantes e fortes para o seu tempo (e certamente também o são para os dias atuais), sobretudo porque, além de ser uma apologia direta a uma prática socialmente banida e ignorada por grandes religiões, principalmente, aponta um caminho que, ainda que negamos ou queiramos nos afastar, é inevitável a todo ser vivente: a morte.

REFERÊNCIAS

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999;

BAQUEDANO Jer, Sandra. **¿Voluntad de vivir o voluntad de morir? El suicídio em Schopenhauer y Mainländer**. REVISTA DE FILOSOFÍA, Volume 63, p. 117-126, 2007;

CIRACÌ, Fábio. **O ateísmo de Philipp Mainländer: efeitos colaterais do conceito de deus**, in (a cura di): Ruy de Carvalho; Gustavo Costa; Thiago Mota; NIETZSCHE-SCHOPENHAUER metafísica e significação moral do mundo, Fortaleza-CE, Brasil, EDUECE/CMAF, 2014, vol. II, p. 37-60. ISBN: 978-85-7826-255-6;

_____. **Philipp Mainländer e la finne della storia**. THAUMA: Annuario Di Arte e Filosofia - Il Limite, 2009, n°03;

_____. **Il socialismo utopico regressivo di Mainländer** in: *Filosofia e storiografia. Studi in onore di Giovanni Papuli*, 3 vol., Congedo, Galatina, 2008, vol. III, tomo I, pp. 133-164;

_____. **Verso l'assoluto nulla: La Filosofia della redenzione di Philipp Mainländer**. 1. ed. Lecce: Pensa MultiMedia, 2006. V. 1. 404p;

LUKÁCS, G. **El Asalto a la Razón**. México, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959;

MAINLÄNDER, Philipp. **Filosofía de la redención**. Tradução: Manuel Pérez Cornejo. Madrid: Editorial Xorki, 2014;

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

RAMOS, Flamarion Caldeira. **O pessimismo e a questão social em Philipp Mainländer**. CADERNOS DE FILOSOFIA ALEMÃ, n° 10, p. 35-50, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/download/64777/67394>. Acesso:

07/12/2016;

Schopenhauer, Arthur. *O homem: um ser sociável*. In: **A arte de insultar**: organização e ensaio de Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/A-Arte-de-Insultar.pdf>. Acesso: 12/02/2017;

SERRANO, Carlos Javier González. **Nosso lado escuro: a morte de Deus em Schopenhauer, Nietzsche e Mainländer**. Original: “*Nuestro lado oscuro: muerte de Dios en Schopenhauer, Nietzsche y Mainländer*”. Publicação: 14 de agosto de 2016. Disponível em: <https://elvelodelalechuza.com/2016/08/14/nuestro-lado-oscuro-muerte-de-dios-en-schopenhauer-nietzsche-y-mainlander/>. Acesso: 10/03/2017;

_____. **Retrato de un filósofo desconocido: Philipp Mainländer**. Publicação: 18 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://elvelodelalechuza.com/2015/02/18/retrato-de-un-filosofo-desconocido-philipp-mainlander/>. Acesso: 11/03/2017;

WARBURTIN, Nigel. **Uma breve história da filosofia - *A little History of Philosophy***, 1962; tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.